

# DISCURSO E MEMÓRIA NO ESPAÇO INSTITUCIONAL DO ASILO PARA IDOSOS

Hoster Older Sanches  
Pedro Navarro

**Resumo:** Buscou-se saber como, em uma instituição asilar, a memória social desse espaço se manifesta, convocando relações de saber-poder que instituem subjetivações. Analisaram-se aspectos de uma memória social discursivizada no asilo “São Vicente de Paulo”, em Jacarezinho, Paraná. O *corpus* compreende um recorte de documentos e de entrevistas coletadas no asilo. Trata-se de uma investigação discursiva, balizada por pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos a partir dos estudos de Michel Foucault (1988; 2012) e Courtine (2014), sobre a memória discursiva como ferramenta analítica. O discurso da instituição opera um deslocamento da memória do asilo, o qual se movimenta entre relações de poder-saber que configuram a instituição disciplinar para os efeitos de outro tipo de saber-poder que configura o espaço familiar. Esse deslocamento (res)significa o espaço asilar para os idosos internados.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Memória discursiva. Asilo para idosos.

## SPEECH AND MEMORY IN THE INSTITUTIONAL AREA OF ASYLUM FOR ELDERLY

**Abstract:** We sought to know how, in an asylum institution, the social memory of this space manifests itself, calling for knowledge-power relations that institute subjectivations. Aspects of a discursivized social memory were analyzed at the “São Vicente de Paulo” asylum in Jacarezinho, Paraná. The corpus comprises a clipping of documents and interviews collected at the asylum. It is a discursive investigation, based on theoretical and methodological assumptions developed from the studies of Michel Foucault (1988; 2012) and Courtine (2014), about discursive memory as an analytical tool. The institution’s discourse operates a displacement of the asylum’s memory, which moves between power-knowledge relations that configure the disciplinary institution for the effects of another kind of power-knowledge that configures the family space. This displacement (res) means the asylum space for the hospitalized elderly.

**Keywords:** Speech analysis. Discursive memory. Asylum for the elderly.

## 1 Introdução

As discussões realizadas neste artigo são feitas a partir de uma investigação discursiva realizada com base em fatos de discursos que emergem na instituição asilar “São Vicente de Paulo”, em Jacarezinho, Paraná. Balizado em pressupostos teórico-metodológicos da análise de discursos de orientação foucaultiana, buscou-se conhecer como os discursos, inscritos em enunciados advindos da própria instituição, constroem uma memória discursiva sobre ela mesma. Outras questões também mobilizaram as reflexões aqui empreendidas, como, por exemplo, saber se o discurso da governamentalidade produz a memória discursiva de um lar para os idosos, conforme enuncia a própria instituição asilar; e o que significaria chamar de “lar” um espaço como um asilo para idosos.

O trabalho se justifica face ao crescimento do número de homens e de mulheres idosos, no Brasil e, por efeito, à demanda por instituições especializadas no cuidado para com esses indivíduos. Com isso, verificou-se a necessidade de se elaborar um diagnóstico, embora pontual, que fosse atual acerca dessa população específica. Dois exemplos dessa realidade podem ser encontrados no discurso da economia brasileira: a necessidade da reforma previdenciária e o crescimento da população idosa. Para Moulin (*in* CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2011, p. 62), “o envelhecimento, consequência da inflação da esperança de vida, tornou-se uma preocupação dominante dos países industrializados.”

A memória discursiva se constitui como uma ferramenta importante de entrada no *corpus*, pois, na emergência do objeto empírico asilo, notam-se as relações de saber-poder postas em jogo, a partir de possíveis deslocamentos que a emergência de um enunciado pode promover quanto à significação desse objeto no discurso da instituição.

O *corpus* analisado foi composto em meio à dispersão discursiva e abarca um conjunto de sete sequências enunciativas, doravante SEs, sendo três delas de natureza imagéticas. Tais sequências enunciativas se amparam na noção de enunciado elaborada por Foucault (2012), segundo o qual o enunciado se assemelha a um átomo do discurso, por ser a unidade menor de uma formação discursiva. É um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar por completo.

## 2 A memória discursiva como ferramenta de análise do discurso institucional

A noção de memória discursiva desenvolvida por Courtine (2014) apresenta-se em uma relação teórica possível que esse autor faz com o conceito de “domínio associado” (FOUCAULT, 2012). Entre as conceituações desse domínio, destaca-se uma que se refere aos enunciados que

não são mais admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica. (FOUCAULT, 2012, p. 69)

Os enunciados, pois, mobilizam os domínios associativos em uma rede enunciativa, visto que todo “enunciado tem um domínio de memória”; “domínio de memória” ou “domínio associado” (CARVALHO; SARGENTINI *in* FERNANDES JUNIOR; SOUSA, 2017, p. 28).

O referencial se apresenta como elemento fundamental na relação da memória inscrita no discurso. Essas relações postas pelo enunciado é que irão permitir a realização da investigação de discursos. Com esse horizonte, Foucault especifica o modo como o domínio associado das séries enunciativas se formula, indicando que isso ocorre

pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (...) pelo conjunto das formulações a

que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados (...) É constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência, sua sequência natural, ou réplica (...) É constituído, finalmente, pelo conjunto de formulações cujo status é compartilhado pelo enunciado em questão, entre as quais toma lugar sem consideração de ordem linear, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível a um discurso futuro (...) (FOUCAULT, 2012, pp. 119-120)

Assim, a memória discursiva se apresenta como uma série de elementos constitutivos sócio-historicamente à margem de outros enunciados já formulados, no caso específico aqui estudado, pelo discurso heterogêneo da instituição asilar. No interior do enunciado e em suas margens, a memória discursiva é acionada de acordo com as condições de possibilidade do momento histórico, isto é, conforme as positivities dos enunciados e as verdades produzidas pelas práticas sociais de cada contexto histórico em que ocorrem as relações entre saber e poder. Tais condições de possibilidade enunciativas possibilitam a autorização da existência de certos enunciados, podendo atestar sua positividade e, assim, determinar aquilo que se pode dizer e ser aceito, dado seu efeito de verdade.

Os enunciados, esses objetos, apresentam domínios quanto à formulação de uma memória discursiva, os quais, no entendimento de Courtine, correspondem aos domínios de memória, de atualidade e de antecipação, que, por sua vez, se inscrevem numa temporalidade em que o objeto de memória se materializa e que não pode ser determinado por meio de um recorte histórico preciso; está mais próximo de corresponder a uma temporalidade variável, sem datação precisa da extensão que a memória do objeto discursivo abrange, ou seja,

sobre essa memória, pode-se afirmar que sua sucessão cronológica é atravessada pela dimensão temporal específica a um processo cujo desenvolvimento contraditório não conhece sujeito, nem origem, nem fim. Não se trata, pois, de ir procurar na sequencialidade de um domínio de memória, de um domínio de atualidade e de um domínio de antecipação a sequência “natural” do antes, do agora, e do depois, mas sim, de nele caracterizar as repetições, as rupturas, os limites e as transformações de um tempo processual. (COURTINE, 2014, p. 111)

Logo, a ordem cronológica não sobrepuja as regularidades e as discontinuidades que um enunciado pode apresentar no decorrer de um longo período de tempo. Muito pelo contrário, como postula Foucault (2012) as continuidades e as discontinuidades prevalecem sobre a ideia de uma linearidade histórica. Nesse viés, cabe investigar que memória discursiva está sendo mobilizada acerca do asilo e/ou ressignificada, a partir das inscrições do objeto discursivo no discurso institucional.

O domínio de memória é compreendido neste trabalho como um

interdiscurso como instância de constituição de um discurso transversal que regula para um sujeito enunciativo, produzindo uma sdr [sequência discursiva de referência] em cp [condições de produção] determinadas, o modo de doação dos objetos de que fala o discurso, assim como o modo de articulação desses objetos: é a partir do domínio de memória que se poderá aproximar os processos que garantem a referência dos nomes por um sujeito enunciativo e autorizam, assim, a predicação e a correferencialidade. (COURTINE, 2014, p. 112)

A interdiscursividade da memória discursiva reforça a ideia de que os enunciados mantêm entre si relações de proximidade e de diferenciações; existindo, assim, margens fronteiriças que os singularizam, as quais constituem uma linha tênue que demarca diferentes campos associados e constituem a associação necessária para seus possíveis efeitos (de sentido, para Courtine, ou de saber-poder, para Foucault) de um enunciado na atualidade. A memória é, então, problematizada

nas relações interdiscursivas, a partir da dispersão de enunciados possíveis acerca do objeto de discurso, neste caso o asilo, em um dado momento histórico; considerando que “os objetos não têm a tendência de tomar sempre o mesmo rosto. É nesse movimento entre o discurso e a história que a descontinuidade manifesta-se com todo o seu vigor”, (NAVARRO, 2004, p. 40).

### 3 A memória discursiva do Asilo “São Vicente de Paulo”

No conjunto dos enunciados sob análise, diversas materialidades enunciativas foram investigadas, buscando, na dispersão do arquivo, a ocorrência de regularidade nos efeitos da memória discursiva sobre o espaço institucional asilar e os que lá vivem e/ou trabalham. Assim, são analisadas cinco sequências enunciativas (SEs) que correspondem ao quadro enunciativo no qual se pode identificar a inscrição dessas memórias no referido espaço institucional.

De início, deve-se considerar a existência de diversas instituições públicas que se configuram de diferentes formas: disciplinar, escolar, hospitalar etc. Entre elas, pode-se conhecer a categoria de uma instituição produtiva de sujeitos, de subjetividades, atentando para a finalidade social a que se destina, como é o caso da instituição asilar. Dessa forma, a constituição da memória discursiva do asilo “São Vicente de Paulo” partiu da investigação do disposto como finalidade da instituição. Essa característica institucional encontra-se materializada da seguinte forma:

(SE01): “O Asilo tem por *finalidade abrigar* pessoas idosas de ambos os sexos, sem família, carente, proporcionando-lhes cuidados básicos de saúde, alimentação, vestuário, assistência médica, odontológica, moral e religiosa”, (REGIMENTO INTERNO, 2008, grifos nossos).

A memória discursiva acionada na SE01 aponta para a existência de um indivíduo objetivado pelo poder jurídico como sendo um indivíduo desamparado. O fato de ser um indivíduo desprovido de condições para se manter independente na sociedade faz com que os cuidados para com a vida dos idosos sejam tomados como objeto de domínio pelo asilo, o qual assume a função de responsável por tais sujeitos. Nessa direção, o regimento interno da casa institui seu sujeito enunciativo, que é a própria instituição asilar. A posição-sujeito institucional é, assim, ocupada pelos técnicos colaboradores e por outros profissionais da casa.

Nessa SE, o efeito da memória discursiva do asilo circula em torno de um item lexical que se destaca: “abrigar”. Vale destacar que o enunciado está inscrito em uma superfície documental particular, pois rege as normas da instituição. O termo “abrigar” apresenta seis acepções diferentes, dentre elas destacam-se três: “1 dar ou receber abrigo; acolher(se), encerrar(se)em algum lugar (...) 2 proteger(se) [de intempérie ou agente agressivo] (...) 2.1 *p. ext.* proteger(se), resguardar(se) de perigo, problema ou adversidade (...)” (HOUAISS, 2009, p. 16).

Considere-se, pois, que a finalidade da instituição asilar é abrigar. De acordo com levantamento das acepções desse item lexical, “abrigar” pode produzir diferentes relações de poder-saber e seus efeitos, que podem ir além daquele de receber os idosos abandonados ou desamparados, por exemplo. Dentre os possíveis efeitos, o uso desse léxico produz uma significação que dialoga com determinadas ameaças externas à instituição asilar: ameaças de ordem natural, como uma tempestade que se aproxima, e/ou ameaças sociais, como um iminente dano à integridade física do indivíduo idoso. Assim, o exterior emerge como

superfície de inscrição dos perigos ao indivíduo idoso que, já fragilizado biologicamente, é entregue aos cuidados do asilo.

O ato de abrigar associa-se ao enunciado “família”, produzindo o efeito de que essa ação está contida nos elementos discursivos pertencentes à formação discursiva familiar. A seleção desse item lexical dá visibilidade ao modo como o sujeito instituição vincula sua prática social de cuidado com idosos ao efeito de um suposto discurso de aliança familiar, que, em tese, deveria convocar uma ação de proteção mútua entre seus integrantes, além de relações afetivas que nessas condições se manifestariam.

O asilo assume, nas práticas diárias, a função da família na relação desses indivíduos fragilizados social e biologicamente, com as outras populações que compõem a sociedade jacarezinhense. Essas duas características que subjetivam o sujeito-idoso (ser carente e sem família) parecem mobilizar uma rede discursiva de cuidados aos idosos que transcende os limites do convívio familiar, considerando a condição de existirem pessoas idosas que não possuem vivência familiar, mas que dispõem de condições econômicas favoráveis, encontrando amparo no saber de especialistas em cuidados com tais indivíduos. Então, o asilo engloba, em seu discurso, o efeito de saber-poder que a palavra família evoca nas condições de existência em um campo de possibilidades mais vasto, no qual o idoso é objetivado como aquele sujeito que vive em condição de vulnerabilidade. Considere-se a próxima sequência enunciativa:

(SE02): “Foi fundada em 20 de agosto de 1948, abriga não só os idosos de Jacarezinho, mas de toda região, tendo um total de 68 idosos. Entidade que visa o bem-estar dos seus internos, procurando atender suas necessidades prioritárias em suas ótimas instalações.” (REGIMENTO INTERNO, 2008)

Nessas condições, a memória discursiva inscrita nas duas primeiras sequências enunciativas encontra-se ancorada na contradição dos efeitos produzidos pelos diferentes discursos que constituem o asilo “São Vicente de Paulo”: o disciplinar e o familiar, pois, o asilo enuncia que procura “atender suas necessidades prioritárias”, limitando as condições de possibilidade que um espaço familiar pode apresentar.

Têm-se o asilo como instituição que analisa os corpos idosos, separa-os e os ampara de acordo com as condições de existência de cada um deles. Isso é possível porque existe, de um lado, a família ausente e, de outro, a instituição disciplinar. A família e o asilo, duas instituições que coexistem pela contradição da prática social institucional, segregam os idosos ao espaço do limitado da instituição. Embora esses sujeitos encontrem-se segregados nesse espaço, seus corpos são tomados como objetos abertos à investigação por diferentes campos do saber, como também não escapam à vigília dos cuidados institucionais, como está enunciado nas sequências seguintes:

(SE03): “Aqui eles têm a *regra deles*. Então, por exemplo, sentar na cama um do outro, eles não gostam. Então, se um sentar na cama do outro, não pode. Eu não falei isso pra eles, nem os cuidadores falaram isso.” (COORDENADORA, grifos nossos)

(SE04): “Não, aqui a gente não tem assim, essa...esses vô que são safado, essas vô que são safada, né? Não tem. A gente brinca, né? A gente brinca bastante. Tem um aí que chama nós e a gente brinca pra caramba, mas não assim de...Não, não aparenta ser interesse nas vôs. *Eles são aqui mesmo como uma família mesmo, né?* A gente cuida, né?” (CUIDADORA, grifos nossos)

(SE05): “Os internos que tiverem boas condições de saúde poderão ausentar-se temporariamente da Entidade, com autorização da Administração, que expedirá documento a ser apresentado na portaria.” (REGIMENTO INTERNO, 2008)

A terceira sequência enunciativa corrobora o argumento de que há um deslocamento, no discurso, em relação ao saber que ancora os sentidos do item lexical “lar”. Nessa sequência, a contradição constitutiva do asilo é notada a partir da presença da relação de poder entre aquele que enuncia e os idosos. Em “Eu não falei isso para eles (...)” reafirma-se a relação de poder posta em jogo na formulação e na aplicação das regras internas ao asilo. Tal característica não impede a relação memorial entre o asilo e o lar, posto que, na família e no asilo, as relações de poder investidas pelos sujeitos envolvidos, socialmente, determinam e fiscalizam as regras, ao mesmo tempo, impetrando, assim, uma incessante vigilância sobre os componentes, seja no asilo, seja na família: “Eles são aqui mesmo como uma família mesmo, né?”. A SE05 enuncia o caráter disciplinar do asilo, ao materializar o poder a ela designada sobre os corpos dos idosos e os espaços por que podem transitar, o que pode também está enunciado na próxima SE.

(SE06): “*A separação homens e mulheres, é uma regra do asilo...fica mais prático na hora do banho, na disposição dos quartos, enfim para toda essa mudança precisaríamos de muita conversa. Mas entre eles na hora do banho de sol, eles se falam, brigam, etc.*” (MÉDICA, grifos nossos)

A “separação homens e mulheres” dá visibilidade ao funcionamento de um poder-saber que poderia estar ancorado, exclusivamente, no dispositivo de sexualidade, como a separação dos corpos na geografia familiar; porém, outras relações de poder emergem na condição de prática asilar para bem atender à própria instituição, quando é enunciado que a separação dos sexos se dá porque “fica mais prático na hora do banho, na disposição dos quartos”; o que acaba condicionando as relações sociais a espaços restritos do asilo.

Por outro lado, a título de exemplo das relações entre as práticas da instituição asilar

e familiar, a manifestação da sexualidade está presente no asilo, como também se faz presente nas relações no interior da família. Assim, ambas instituições apresentam práticas que mostram os efeitos do dispositivo de sexualidade, o qual regula o uso e distribui os corpos no espaço. A qualidade atribuída aos sujeitos idosos pelo enunciador, ser “safado” ou “safada”, conforme enuncia o sujeito do asilo (a cuidadora), é constitutiva de um outro tipo de sujeito, aquele que é externo ao lar, à família, pressupondo, pelo discurso do enunciador institucional, que tal adjetivação não se insira nestas instituições. Portanto, como na família, o sujeito “safado (a)” é qualidade de um sujeito externo ao asilo de Jacarezinho. A SE06 materializa o deslocamento em ação da memória discursiva de um espaço disciplinar que atende diferentes indivíduos, de diferentes localidades, para o discurso receptivo que integra o indivíduo idoso não em uma instituição meramente hospitalar e disciplinar, mas, primeiramente, em um espaço familiar que acolhe, por exemplo, de maneira lúdica, a manifestação da sexualidade dos sujeitos idosos.

(SE07): “Podem. Podem sim. A gente libera para irem até o quarto dos idosos, obviamente, que a gente tem um cuidado de observar o visitante quando entra. Quem é? E a gente costuma observar até estabelecer um certo vínculo também com o visitante. Porque a gente não pode confiar em qualquer um que entrar já ir para o quarto do idoso. Então, a gente tem que tomar muito cuidado com isso, mas a gente não tem nenhuma regra. Os cuidadores sempre ficam de olho, mas tentam não... Então a gente só fica de olho a distância pra observar como vai se dar esse relacionamento do visitante do idoso.” (COORDENADORA, grifos nossos)

O fio discursivo que norteia a investigação sobre a memória discursiva que se inscreve e emerge no e do asilo é o olhar dispensado pelos sujeitos da própria instituição asilar, pois a economia desse olhar pode esclarecer a produção da memória discursiva dessa entidade. A prática de “sempre estar de olho” e “a gente só fica de

olho” exemplifica o funcionamento desse olhar institucional sobre a população idosa e sobre aqueles que ingressam em seus domínios espaciais. É por meio da economia desse olhar vigilante que é possível o estabelecimento de um “vínculo” entre os sujeitos da instituição e os visitantes. Afere-se, pela economia do olhar, a possibilidade de alguma ameaça ao corpo da população asilada, seja essa ameaça vinda de fora ou de dentro da instituição.

(SE08): “Os internos poderão circular livremente por todas as dependências, respeitando a disposição dos pavilhões para homens e mulheres e áreas reservadas (gabinete odontológico, médico, sala de fisioterapia, farmácia, cozinha, etc) competindo à direção coibir os excessos.” (REGIMENTO INTERNO, 2008)

A ação de “coibir os excessos” é uma modulação da economia do olhar no asilo, enunciada pelo regimento da casa, conforme a sequência anterior, a qual apresenta a condição de possibilidade de os “excessos” virem de dentro da casa. A SE08 é elaborada na contradição sobre a liberdade que enuncia: “circular livremente (...) respeitando a disposição para homens e mulheres”; tal contradição é estabelecida pelo item lexical “livremente”, o qual está sob as relações de poder institucional postas em práticas pela economia do olhar, ou seja, pela ininterrupta vigilância sobre a deficiente liberdade dos idosos. A liberdade até o limite do olhar.

A análise das sequências enunciativas elencadas busca descrever a existência de um movimento memorial associado ao conceito de família e a toda relação de poder que, por efeito, essa instituição implica. Há traços discursivos que anunciam uma relação de tipo hierárquica

dentro do asilo, dado que a memória de família em que se apoia o discurso asilar remete à estrutura familiar de caráter conservador, com suas relações hierárquicas em jogo: os filhos estão submetidos aos pais, sendo que, na atualidade, não só o patriarca é o responsável pelos subsídios que mantêm a casa; mas seja qual for o indivíduo, há alguém com maiores possibilidades de exercício do poder no espaço familiar. Outro aspecto que contribui para a caracterização da família do asilo é a própria instituição ser fundada de acordo com os preceitos da igreja católica apostólica romana.

Nesse sentido, a instituição asilar apresenta uma característica hierárquica no exercício de poder: há um sujeito responsável pelo governo geral da casa, a quem todos os outros devem se reportar, quando assim é necessário, considerando as relações de poder e de resistência presentes. Quanto à família, a memória discursiva desse (a) governante é a que circunscreve a figura do pai ou da mãe. Já no asilo em questão, existe uma estrutura hierárquica clara, tendo em vista a instituição apresentar uma diretoria composta por diferentes sujeitos da sociedade local, com presidência e uma coordenadoria. Ademais, outras sequências enunciativas mais adiante corroboram o argumento de que o asilo busca se apropriar da memória discursiva da família, apagando a memória austera de uma instituição que, além dos cuidados para com a conservação da vida dos idosos, não se desvincula de seu caráter disciplinar. Pode-se verificar que o espaço ali pretende se configurar como amistoso, seguro, o que se pressupõe ser o da instituição familiar, cujas práticas são atualizadas dado o funcionamento da memória discursiva.

Assim, a próxima sequência enunciativa emerge como inscrição do enunciado institucional na relação dialética família/asilo, inscrição presente na imagem da entrada principal do asilo:



FIGURA 1: (SE09): Entrada principal do asilo “São Vicente de Paulo”, em Jacarezinho, Paraná, de abril de 2018.

*Fonte: Registro fotográfico realizado pelo pesquisador*

Nessa SE, a materialidade em que o enunciado se inscreve é outra: a enunciação no texto imagético. Nela se encontra a fachada da instituição, em que se verifica a inscrição identitária do asilo. A SE09 é peculiar, também, pela materialidade inscrita numa superfície outra, voltada ao olhar externo. O aspecto material do enunciado articula determinadas significações que os indivíduos externos ao asilo podem produzir a partir de suas leituras e, por efeito, corroborando condições de possibilidade ao enunciado.

Outro aspecto do efeito da enunciação da SE09 é a continuidade de uma determinada memória discursiva sobre o asilo: um lar. O que sustenta essa asserção é a materialidade lexical do item “lar”, inscrito no enunciado logo acima à porta da entrada principal do asilo, como pode ser observado no enunciado imagético da SE09: “Lar São Vicente de Paulo”. Pode-se notar a característica de um estatuto familiar específico, o da família católica apostólica romana, ou seja, verificam-se relações de poder da igreja dentro do ambiente asilar.

Dentre as possíveis acepções para o item lexical “lar” na contemporaneidade, duas delas correspondem à “casa de habitação; domicílio familiar”; ou a “grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto; família” (HOUAISS, 2009);. Nessa linha de raciocínio, o efeito de saber-poder do item lar, inscrito na instituição, está associado às acepções denotativas do termo. Verificam-se dois possíveis empregos do item lar que aludem explicitamente ao espaço ocupado por uma família. Esse item lexical encontra-se presente na memória discursiva do campo familiar, considerando o espaço em que os integrantes da família, seja ela a qual configuração pertencer, dadas as atuais condições de existência, realizam práticas domésticas, como banhar-se, descansar, dormir, fazer as refeições, manter relações sociais próximas etc. As primeiras análises discursivas atestam uma descontinuidade no discurso institucional em relação à memória discursiva como a de uma memória da família, pois se nota o apagamento do item lexical “asilo” da fachada da instituição, onde somente permanece a inscrição de “lar”. Logo, a estratégia da instituição é apagar a memória de asilo para a construção de uma memória atrelada à familiar.

A sequência a seguir exemplifica o processo discursivo adotado como estratégia do asilo para a construção de um efeito de memória específico.



FIGURA 2: (SE10): Fachada do asilo “São Vicente de Paulo”, em Jacarezinho, em 2010.

*Fonte: Registro fotográfico disponível em <http://mapio.net/pic/p-37300815/>. Acesso em 19/06/2018.*



Esta SE mostra outro enunciado materializado na superfície predial do asilo, localizado na lateral do prédio, desempenhando a função denominadora daquele espaço institucional. No entanto, atualmente não mais se encontra a inscrição desse enunciado (“Asilo São Vicente de Paulo”).

Em outro registro enunciativo, verifica-se o registro do item lexical “Lar” em substituição ao item “asilo” que, aos poucos, é apagado do discurso da instituição, como se pode averiguar em seguida:



FIGURA 3: (SE11): Fachada da entrada do asilo “São Vicente de Paulo”, em Jacarezinho, de junho de 2013

Fonte: Registro fotográfico disponível em <<http://www.jacarezinho.pr.gov.br/noticia/mostrar/22046.Alunos+da+rede+municipal+visitam+Asilo+S%C3%A3o+Vicente+de+Paula.html>>. Acesso em 19/06/2018.

O registro imagético contido na SE11 e a materialidade de seu conteúdo antecedem o início das investigações documentais e das observações realizadas até o momento. No entanto, a memória discursiva da instituição, vinculada às características familiares, já circulava na sociedade jacarezinhense. O asilo, por vezes, é referenciado como espaço institucional, entendendo-o como uma delimitação geográfica real ou virtual em que trocas e relações são estabelecidas entre indivíduos e objetos, “em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”, (CERTEAU, 1998, p. 202). É no espaço asilar que se presencia a descontinuidade do conceito de “asilo” a partir do registro do seu discurso presente nas materialidades identificadas pelas análises. Esse

deslocamento de saber, que faz o asilo se configurar como lar, alude à condição de possibilidade da elaboração de uma nova família para aqueles indivíduos idosos que lá ingressam. Sendo assim, surgem questões como a de compreender em quais condições de possibilidade se realiza a memória discursiva dessa possível família asilar, ou seja, quais práticas sociais permitem construir o asilo para idosos como uma lar.

A partir da investigação discursiva do *corpus*, pôde-se formular algumas respostas a tal questionamento, já expresso na Introdução destas reflexões. Esse trabalho de ressignificação da instituição pelo discurso parte do funcionamento de um movimento centrífugo exercido pelo sujeito institucional asilo “São Vicente de Paulo”. A elaboração da figura seguinte representa a força do poder institucional materializada no discurso.

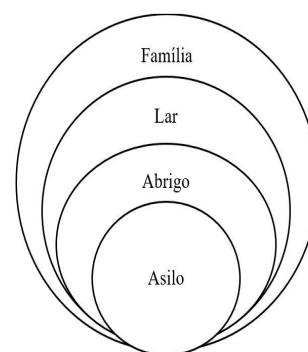


FIGURA 4: A relação de força identificada no discurso da instituição asilar. Representação da força centrífuga do discurso no deslocamento de sentido de “asilo”.

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

A ilustração sintetiza o movimento realizado pelo discurso do asilo na busca pela ressignificação de sua própria identidade na condição de instituição. Em uma primeira perspectiva, a instituição acessa a memória concernente a uma instituição asilar: espaço institucional de longa permanência, o que não garante a constante presença de pessoas familiares de internos ou até mesmo alguma presença, tampouco garante a qualidade das

relações sociais que, a partir da internação dos idosos, possam acontecer. Assim, a memória discursiva do asilo reclama seu significado diante de novas condições de existência da memória acionada na contemporaneidade.

A estratégia discursiva adotada, na elaboração memorial, parte de sua estrutura burocrática na condição de instituição, por meio da enunciação do regimento interno, de onde se recortou a SE01, por exemplo. Compreender essa estratégia é um caminho para identificar os traços dessa resignificação da memória do asilo. O verbo “abrigar”, inscrito na SE01, possibilita a expansão dos horizontes concernentes às relações sociais que o asilo é capaz de oferecer, posto que o ato de abrigar sugere uma relação de afeto entre indivíduos que compartilham o mesmo espaço, possibilitando a condição de realização de diversas práticas discursivas entre eles. Assim, a proteção de cada indivíduo idoso está condicionada a esse acolhimento que a noção de abrigo apresenta, pois a ação de abrigar, como se fosse uma família, não corresponde a uma característica das instituições públicas, quando se comparado, por exemplo, ao sistema prisional ou a qualquer outra instituição de ordem estatal. Por isso, o asilo abriga uma população específica e exclusiva, constituindo-se em um espaço de relações particulares para o Estado, visto que faz parte de uma organização entre instituições e passa a desempenhar as práticas de cuidados que se pressupõe ter os indivíduos de uma família para com seus entes idosos. No entanto, o idoso pode possuir familiares e, ainda assim, ser carente de cuidados que seu estado físico/mental demanda.

Ao estreitar as condições de produção discursiva entre homens e mulheres idosos, restringindo sua livre circulação dentro do asilo, são postas, em jogo, possíveis relações disciplinares que podem escapar à disciplina inerente à instituição asilar. Assim, como a família possui seu estatuto, seja ele qual for, o asilo compartilha a característica

de estratificação das relações de poder em seu funcionamento, como deixa entrever a próxima sequência enunciativa.

(SE12) “Os internos poderão circular livremente por todas as dependências, respeitando a disposição dos pavilhões para homens e mulheres e áreas reservadas (gabinete odontológico, médico, sala de fisioterapia, farmácia, cozinha etc) competindo a direção coibir os excessos. (REGIMENTO INTERNO, 2008)

A SE12 exemplifica o funcionamento de um jogo de poder tal qual ocorre nas relações familiares. Assim, há no asilo relações de poder distribuídas de forma hierárquica, como as funções-sujeito desempenhadas pelos diferentes indivíduos que integram uma família. As regulamentações de práticas presentes no asilo se aproximam das regras existentes no interior da família, por exemplo, cabe aos adultos – aos pais ou aos responsáveis legais - cuidarem de seus dependentes, zelando pela sua saúde, conforto etc; no asilo, tais regras constituem o núcleo de um dispositivo governamental, o qual assume a função de aplicar as regras e tomar medidas quando necessário.

(SE13): “O *silêncio noturno* começa às 20:00 horas e deve ser respeitado para o bem comum.” (REGIMENTO INTERNO, 2008, grifos nossos)

Ademais, o estatuto das relações de poder no asilo funciona a partir de determinados discursos, sendo o Regimento Interno (2008) seu exemplo mais significativo. Essa materialidade se particulariza, principalmente, pela formalidade documental, incontestável a princípio, dadas as condições de elaboração textual que dão ancoragem a posicionamentos advindos dos discursos administrativo, prescritivo e normativo que regem as condutas da população idosa sobre a qual a governamentalidade se exerce.

Nesses termos, o espaço institucional comporta-se, em suas enunciações, de modo a

construir uma memória específica: a de um espaço íntimo, familiar, ou seja, a memória de um lar. De acordo com o funcionamento hierárquico das relações de poder, a direção do asilo, formada por uma presidência, coordenação e seus respectivos cargos, retoma a função daquela pessoa que seria a líder do espaço familiar. Esse fato é permitido devido à articulação do poder institucional em que o asilo ocupa a função vaga do líder da família do indivíduo idoso, cabendo a esse sujeito governante tomar as decisões concernentes ao bom governo da casa e, por efeito, ao governo de cada idoso e idosa.

Com esse cenário, à direção do asilo cabe desempenhar diversas funções, dentre as quais a de reguladora dos usos dos espaços, tal como os adultos orientam as crianças quanto à circulação dentro de determinados espaços da casa, a fim de diminuir os riscos de acidentes domésticos, por exemplo. Assim o é no asilo. Deve-se deixar claro que não é o objetivo destas reflexões debruçar-se sobre o conceito de família, de sua determinação a partir de seus integrantes, mas importa neste momento fazer com que se compreenda a relação que os signos “família” e “lar” mantêm entre si, pois são elementos linguísticos que compartilham o mesmo campo discursivo, mantendo estreitas relações de saber-poder entre si. A esse respeito, Foucault assevera que, certamente, os discursos são feitos de signos, contudo o que fazem é mais que utilizar signos para designar coisas, e é “esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao discurso (*parole*). É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2012, p. 60).

O movimento de deslocamento da memória discursiva de uma instituição asilar para uma familiar é notado no funcionamento do discurso, em que a SE11 mostra-se como exemplar: “[...] respeitando a disposição dos pavilhões para homens e mulheres e áreas reservadas [...]”. No

trecho anterior, recortado da SE11, verifica-se o funcionamento peculiar à instituição, mas também à distribuição dos corpos da família dentro do lar. Em condições de possibilidade favoráveis, uma família de ordem tradicional comumente dispõe, em quartos separados, o filho homem e a filha mulher, quando os tem. A separação dos sexos das crianças é efeito do dispositivo de sexualidade, tal como analisado por Foucault (1988); dessa forma, também ocorre no interior do asilo, em relação à distribuição dos corpos de diferentes sexos, em alas próprias a cada um, como mostrado pela quinta sequência enunciativa.

Ao discorrer sobre o processo histórico das modulações da sexualidade humana no Ocidente, Foucault também trata da disposição dos corpos no espaço familiar, no contexto do séc. XIX, considerando a sexualidade dos componentes da família e o esquadramento espacial da casa, já que

a família conjugal a [sexualidade] confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1988, pp. 9-10)

Se a família conjugal confiscou a sexualidade dos indivíduos a partir do séc. XIX, o asilo promove essa fiscalização em relação aos indivíduos idosos vulneráveis, operando, analogamente quanto à sexualidade, como o casal legítimo de que fala Foucault. No entanto, não se nega o emprego do item lexical “lar” em uma condição de produção discursiva cujos efeitos podem não se associar, necessariamente, à memória do que possa ser uma

família tradicional: um espaço compartilhado pelo pai, mãe, irmãos etc. A “disposição dos pavilhões” (SE11) atesta uma prática que escapa à família, dado que tal “esquadrinhamento” (FOUCAULT, 1987) espacial não ocorre na instituição familiar.

Nota-se a regularidade dos efeitos da formação discursiva religiosa ao buscar a constituição de uma instituição familiar em um espaço outro, que é o asilo. O discurso religioso é materializado na superfície asilar de diferentes formas, conforme demonstram as sequências enunciativas a seguir:

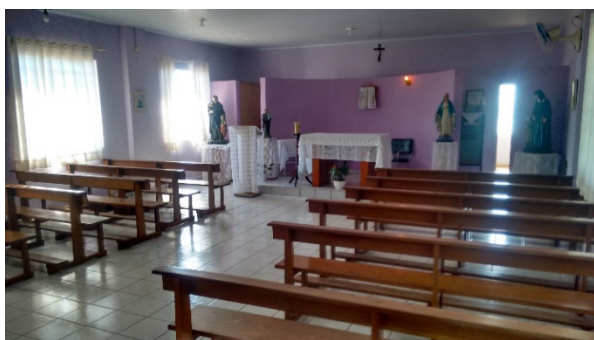


FIGURA 5: (SE14): Capela localizada no interior do asilo, em um dos espaços do primeiro andar.

*Fonte: Registro fotográfico realizado pelo pesquisador.*

(SE15): “A Entidade é católica e seus assistidos receberão assistência religiosa de um sacerdote, desde que queiram, respeitando a liberdade do culto.” (REGIMENTO INTERNO, 2008)

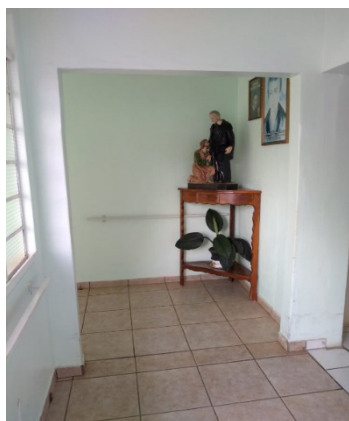


FIGURA 6: (SE16): Corredor da ala feminina do asilo.

*Fonte: Registro fotográfico realizado pelo pesquisador.*

As três últimas SEs (14, 15 e 16) correspondem a materialidades do dispositivo religioso presentes no asilo “São Vicente de Paulo”. A SE14 dá visibilidade a um tipo de esquadrinhamento espacial pautado no discurso religioso, em especial, o discurso do catolicismo romano, o qual tem esse espaço reservado no asilo. Na SE14, o espaço enuncia a materialidade da crença de ordem cristã-católica, reproduzindo a regularidade dos espaços sagrados a essa religião, embora a SE01 enuncie, como uma das finalidades da instituição asilar, prestar amparo religioso aos idosos; todavia, tal prática de fé não se encontra especificada quanto a que religião o asilo pratica em seus domínios geográficos.

## CONCLUSÃO

Com as análises discursivas realizadas, permitiu-se compreender o asilo “São Vicente de Paulo” como uma instância produtora de discursos que ressignificam a memória discursiva desse espaço institucional, portanto, regrado diante da sociedade jacarezinhense. E isso se torna mais visível nos processos discursivos que se movimentam no sentido de produzir certo deslocamento da memória discursiva que se têm da instituição asilar para o de uma grande família, de tal sorte que os sujeitos que ali se encontram possam interagir uns com os outros como se estivessem sob o comando de uma instituição assim imaginada. Promove-se um deslocamento de significados operado pelo discurso institucional em relação à memória social que se construiu sobre o que é um asilo para idosos, de tal modo que a memória discursiva de um grupo familiar vigiado parece ganhar força nas séries enunciativas analisadas.

É notória a contradição em que a memória do respectivo asilo é construída. Ao se enunciar como um “lar”, a memória mobilizada não condiz com as práticas discursivas correntes na

instituição. Pôde-se chegar a essa conclusão, devido à normatização das práticas da instituição asilar, as quais ultrapassam às da instituição familiar, como, por exemplo, a regularidade do item lexical “regra(s)”, que aparece em 18,75% das sequências enunciativas aqui analisadas; o que demonstra as relações de poder que se materializaram no discurso asilar, conforme pode ser verificado na SE06 e/ou em outros exemplos.

A partir de sua própria produção discursiva, o asilo emerge, então, na memória discursiva como um espaço de controle dos indivíduos idosos, por meio da normalização das práticas institucionais. No entanto, a análise discursiva do quadro enunciativo que se elaborou para este artigo, na dispersão dos enunciados, permitiu verificar que, apesar da instituição asilar apresentar uma série de regras e de normas pré-estabelecidas, o sujeito institucional e os sujeitos da instituição se enunciam de forma diversa por meio de suas práticas discursivas. Logo, apesar de se enunciar como um lar e, por vezes, apresentar emergências de enunciados de caráter afetivo entre os sujeitos da instituição e os indivíduos idosos, as práticas discursivas demonstraram, em seu exaustivo funcionamento, uma prática alheia à liberdade que um lar sugere/oferece a seus moradores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. 4ª edição. Volume 3. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- COURTINE, Jean-Jacque. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos. Editora EduFSCar. 2014.
- FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. 2ª edição. Catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8ª edição. Rio de Janeiro. Editora Forense, 2012.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 21ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 25ª edição. São Paulo: Editora Graal, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2009.
- NAVARRO, Pedro Luis Barbosa. *Navegar foi preciso? O discurso do jornalismo impresso sobre os 500 anos do Brasil*, 2004, 347 p., tese em Linguística e Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, 2004.

**Submissão: 30 de outubro de 2019.**

**Aceite: 19 de novembro de 2019.**